



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL-UFFS

CAMPUS CHAPECÓ

LICENCIATURA EM FILOSOFIA

URVIACK FRANÇOIS

ROUSSEAU E A DESIGUALDADE SOCIAL

CHAPECÓ

2022

URVIACK FRANÇOIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Filosofia da Universidade Federal da
Fronteira Sul, como requisito para obtenção do
título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof Dr Clóvis Brondani

CHAPECÓ
2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

François, Urviack
ROUSSEAU E A DESIGUALDADE SOCIAL / Urviack François.
-- 2022.
48 f.

Orientador: Pr Dr. Clóvis Brondani

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Chapecó, SC, 2022.

1. Desigualdade Social. 2. Sociedade. 3. Política. 4.
Origem. 5. Propriedade Privada. I. Brondani, Pr Dr.
Clóvis, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

Urviack França

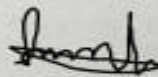
ROUSSEAU E A DESIGUALDADE SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó (SC), como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca examinadora em:

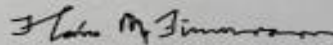
29/08/2022

BANCA EXAMINADORA:

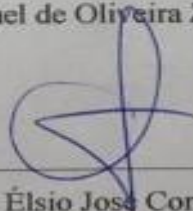


Prof. Dr. Clóvis Brondani (UFFS)

Orientador



Prof. Dr. Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann (UFFS)



Prof. Dr. Élsio José Corá (UFFS)

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria muito agradecer do meu coração às autoridades brasileiras por terem aberto essa oportunidade de acolher os imigrantes haitianos no Brasil, especialmente a Universidade Federal da Fronteira Sul por ter pensado em abrir essa oportunidade de receber estudantes Haitianos no seu programa. Eu levarei no meu coração em todos os lugares que a vida profissional me levar. Eu serei eternamente grato a vocês.

Aos professores de Filosofia da UFFS que sempre foram fontes de exemplos para mim, em especial ao meu orientador professor Clóvis Brondani que me auxiliou com suas lindas experiências e com muito carinho.

À turma de Filosofia de 2017-2021. Vocês sempre foram exemplos de determinação para conquistar o máximo possível de sabedoria que a filosofia poderia alcançar.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte desse longo processo, que contribuíram de maneira direta ou indireta. Muito obrigado

RESUMO

O presente trabalho consiste na perspectiva Rousseauiana de apresentar uma solução ao problema da desigualdade social que existia em diferentes sociedades da sua época e das atuais sociedades. Tem como objetivo apresentar os diferentes processos seguidos pelo homem para deixar seu estado primitivo e chegar à nova sociedade, as classes sociais e políticas. Referente à pergunta feita pela academia de Dijon, Rousseau desenvolveu suas ideias filosóficas e políticas nas quais ele expõe o conhecimento do ser humano como o mais importante de todos. Para resolver o problema da desigualdade, o filósofo defende que existe uma igualdade original inscrita no homem natural que logo foi comprometida pelo próprio homem querendo inverter a ordem das coisas e formar novas sociedades. De acordo com a visão de Rousseau, ele descreverá o homem e sua origem, sua liberdade, suas características e suas capacidades de se adaptarem a seu meio. O homem no seu estado natural era animado pelas paixões naturais, essencialmente da perfectibilidade, da liberdade, do amor por si e da piedade. Manifestado pelo desejo de se socializar e pela cultura, descreveremos os motivos e o desenvolvimento da desigualdade marcado pelo surgimento das sociedades. Para chegar a ser civilizado, o homem seguiu vários processos. Sob a direção de um Estado Político e pela cultura, o homem criou a desigualdade. Logo, nós vamos aprofundar os processos da desigualdade marcados pelo aparecimento da propriedade privada. Pela criação das riquezas, da metalurgia e da agricultura, o homem estabeleceu a dominação e a servidão entre eles fazendo com que ele precisasse criar leis para determinar regras de convivência e da paz entre eles.

Palavras-chave: Desigualdade social. Sociedade. Política. Origem. Propriedade privada.

RÉSUMÉ

Le présent travail consiste dans la perspective rousseauienne de présenter une solution au problème de l'inégalité sociale qui existait dans les différentes sociétés de son temps, ainsi que les actuelles sociétés. L'objectif de ce travail consiste à présenter les différents processus suivis par l'homme pour sortir de son état primitif et former une nouvelle société basée sur les classes sociales et politiques. Se référant à la question posée par l'académie de Dijon, Rousseau développe ses idées philosophiques et politiques dans lesquelles il expose la reconnaissance de l'être humain comme la plus importante de toutes. Pour résoudre le problème de l'inégalité, le philosophe défend qu'il existe une égalité originelle inscrite dans l'homme naturel qui ensuite a été compromise par l'homme lui-même, voulant inverser l'ordre des choses et former de nouvelles sociétés. Selon la vision de Rousseau, il décrira l'homme dans son origine, sa liberté, ses caractéristiques et ses capacités d'adaptation à son environnement. L'homme dans son état naturel était animé par des passions naturelles, essentiellement la perfectibilité, la liberté, l'amour-propre et la pitié. Manifestés par le désir de se socialiser ainsi que par la culture, nous décrirons les raisons ainsi que l'évolution des inégalités marquées par l'émergence des sociétés. Pour devenir civilisé, l'homme a suivi plusieurs processus. Sous la direction d'un État politique ainsi que par la culture, l'homme a créé l'inégalité. Nous allons donc approfondir les différents processus de l'inégalité marqués par l'émergence de la propriété privée. A travers la création de richesses, la métallurgie et l'agriculture, l'homme a établi entre eux la domination et la servitude, lui imposant de créer des lois pour déterminer des règles de coexistence et de paix entre eux.

Mots clés : Inégalités sociales. Société. Politique. Origine, Propriété privée.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ESTADO DE NATUREZA	12
2.1 A DESCRIÇÃO DE ROUSSEAU DO HOMEM NATURAL	16
2.2 AS CARACTERÍSTICAS DO HOMEM NATURAL	17
2.2.1 A LIBERDADE E A PERFECTIBILIDADE	23
2.2.2 ROUSSEAU E AS PAIXÕES NATURAIS	24
3 O DESENVOLVIMENTO DA DESIGUALDADE MARCADO PELO SURGIMENTO DAS SOCIEDADE	28
3.1 A SOCIEDADE DA IDADE DE OURO	32
4 O FORTALECIMENTO DA DESIGUALDADE MARCADO PELO APARECIMENTO DA PROPRIEDADE PRIVADA E DA AGRICULTURA	37
5 CONCLUSÃO	46
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é baseado na análise que fez Rousseau no *Discurso sobre a desigualdade entre os homens*. O filósofo aprimora seu discurso essencialmente no estudo do homem do estado de natureza e sua evolução através do tempo.

A pesquisa sobre a desigualdade social feita no segundo *Discurso* é muito importante em vários sentidos porque o filósofo expõe de maneira clara suas ideias desenvolvidas. Para melhor esclarecer e defender sua posição, ele descreve o ser humano no seu estado primitivo, fazendo uma antropologia das qualidades naturais assim como das aquisições do seu meio através do tempo. Ao estado de natureza, o homem levava uma vida puramente animal, limitada às sensações puras. Rousseau o apresenta com suas qualidades naturais, o que faz com que ele vivia bem e feliz (felicidade referente aos outros habitantes da sua época). Na análise que fez Rousseau no estado de natureza do homem, ele queria determinar se nele domina a desigualdade. O objetivo da pesquisa será desenvolver o retrato feito por Rousseau sobre o homem da natureza, quem levava uma vida simples, e as causas das suas infelicidades que não souberam permanecer na felicidade do estado natural.

Para entender o porquê da saída do homem no estado de natureza, desenvolveremos as características e as virtudes sociais que fazem com que o homem se tornou sociável e mal. O filósofo explicará como uma tal mudança poderia não se processar e permanecer o homem imutável no estado de natureza. Algumas etapas específicas marcarão a história da humanidade e entre elas, foi a da propriedade; dela vem todo o mal e sofrimento causado pelo homem. Para sobreviver, o obstáculo e a adversidade obrigam os homens a mostrar todas as suas forças e todas as suas faculdades e essas capacidades levaram à consolidação da desigualdade entre os seres humanos.

1

A base do pensamento político de Rousseau reside na descrição que ele fará do homem natural para mostrar que de uma parte a liberdade é inerente ao ser humano, de outra parte nenhum ser humano tem o direito de comprometer a liberdade do outro. Para entender melhor o desenvolvimento da espécie humana, Rousseau descreve as características que determinam as etapas da evolução. O filósofo apresenta as características do homem vivendo na natureza animado pelo amor de si e da piedade, e o homem social que é caracterizado pelo desenvolvimento e incentivado pelo progresso.

Rousseau distingue duas espécies de desigualdades que ele descreverá ao longo do seu discurso: a desigualdade natural e física; e a desigualdade moral ou política. O filósofo não se contenta em estabelecer uma relação entre as duas, mas se trata de investigar sobre a passagem entre uma e outra. Analisando o discurso de Rousseau, podemos entender que ele considera o estado de natureza como mais vantajoso para o homem porque nele, se proporciona mais felicidade do que o estado social. Apesar de que seu primeiro princípio da moral natural é autoconservação, isso não implica em si a maldade. Pelo efeito da piedade, o homem é naturalmente indulgente, sente piedade pelos males que não tenham causado.

Os primeiros progressos do estado de natureza vão resumindo a vida que levava os seres humanos. Era uma vida limitada às sensações puras, marcada pela falta de capacidades para aproveitar tudo que a natureza tinha para oferecer ao homem. Pela multiplicação rápida dos seres humanos, que se espalham pelas diversas regiões, foram reforçados os primeiros progressos. Essa possibilidade de inventar novas capacidades e relações suscitam uma percepção confusa no ser humano. Foi a partir daí que nasceram os novos compromissos, aprender a contar com seus semelhantes. Os homens começaram a passar seu tempo para procurar a comodidade que antes era ignorada pelos seus antepassados. Eles chegaram a criar novas nações e o nascimento das relações de vizinhanças, apareceu o amor sentimental, as reuniões comunitárias começaram a se organizar com mais frequência.

¹ Segundo Discurso: Discurso desenvolvido referente à pergunta da Academia de Dijon para determinar se a desigualdade é natural ou estabelecida pelo homem.

As pesquisas que Rousseau fez para desenvolver sua filosofia são, portanto, muito importantes. Segundo ele, a história hipotética dos governos é, a todos os respeito, uma lição de instrução para o ser humano. Com esse discurso, Rousseau vai instaurar na literatura do seu tempo, o mito do selvagem livre, feliz e puro, expondo a transcendência da vida comum na natureza em oposição à vida comprometida das sociedades civilizadas. Antigamente, a vida dos primeiros seres humanos era muito simples e comunitária. Portanto, Rousseau quer voltar a dar forma à doutrina da igualdade que era comum a todos. *O Segundo discurso* marcou um ponto muito decisivo na evolução das suas ideias e ele tem como objetivo, demonstrar que o homem nasceu livre, mas em todos os lugares se encontra a ferros.

Ao longo dessa pesquisa, o objetivo será demonstrar como a sociedade tornou-se má e corrompida. Apesar de ser corrompido, Rousseau propõe ao homem de encontrar um meio para se salvar por meio de uma reforma individual; uma volta à sua verdadeira natureza pela restauração do direito natural.

Para Rousseau, toda associação tem como origem às convenções, portanto o estado social é contra a natureza. Depois que a vontade individual suas qualidades naturais, a única possibilidade era de instituir a vontade geral. O que deveríamos saber do *Segundo discurso*, ele nos levará a entender que o estado de natureza não ia permanecer eternamente e, a via que havia tomado o ser humano resulta na realidade, de fatos incertos. A pergunta que fez Rousseau é a seguinte: em qual direção devemos seguir para poder impor às tendências naturais pela ocasião da passagem ao estado social?

Em resumo, trataremos no primeiro capítulo o retrato feito por Rousseau do homem da natureza, as características que definem o homem natural, assim como o homem moderno. O segundo capítulo mostrará como o homem chegou a consolidar a desigualdade com as invenções sucessivas das artes, das fortunas e o uso abusivo das riquezas que confirmam a inversão da ordem das coisas. Por fim, demonstraremos como pelo gosto do prazer e da dominação homem transformou a convivência entre eles.

2 ESTADO DE NATUREZA

Depois de vários estudos, Rousseau fez uma análise sobre como poderia ser a vida pré-política do ser humano em sociedade. Como seria a nossa vida sem leis, sem instituições, sem costumes e Estado? Porque estamos nos forçando a conceber um Estado de Natureza, ainda que outras civilizações tentaram conceber isso antes de nos ? Para responder essa pergunta, o filósofo afirmou no seu *Discurso sobre a desigualdade*;

Outros poderão facilmente ir mais longe na mesma estrada, sem que para ninguém seja fácil chegar ao término. Pois não é de pouca monta o empreendimento de distinguir o que há de original e de artificial na natureza atual do homem e de bem conhecer um estado que já não existe, que talvez não tenha existido, que provavelmente jamais existirá, e do qual é necessário, porém, ter noções exatas para bem julgar o nosso estado presente. (ROUSSEAU, 2005, p. 151).

Nessas frases, Rousseau queria mostrar claramente sua tendência de separar as coisas naturais das artificiais, de deduzir no homem, o que faz parte da natureza. O relatório do estado de natureza de Rousseau é hipotético porque é baseado no raciocínio do seu pensamento, é o tratado de uma história objetiva. Barbosa, (2008, p. 2), supõe o estado de natureza como aquele momento mais propício à independência, porque o homem sobreviveu de maneira aleatória e independente, mas tinha uma estabilidade de vida, pois não tinha grandes necessidades para satisfazer. A experiência que propôs Rousseau visava uma avaliação real da humanidade do seu tempo, o que quer dizer que podemos ter uma noção da nossa sociedade avaliando ela.

O objetivo de Rousseau era determinar no homem o que faz parte da natureza, assim como o que faz parte da cultura. Na exposição de Barbosa, ele resumiu o estado de natureza na perspectiva rousseauiana a um círculo agradável e calmo porque as características que envolvem a realidade do homem o proporcionam uma vida mais sossegada.

A evolução ocorre na história da humanidade em várias fases. Barbosa, (2008, p. 4) afirma: “o homem deixou a etapa do ser solitário que era, incentivado pela evolução passou a tomar consciência do seu próprio ser. As atividades relacionadas à evolução vão aproximando o homem entre si. Passou de uma etapa para outra; do isolado e independente para o ser social e dependente”. Naquele tempo de sociedade nascente, como o chamava o filósofo, o homem vivia de uma forma muito parecida do tempo do estado puro de natureza. A trajetória da evolução se considerava como desumano, não existia a liberdade natural. A evolução das sociedades vai corrompendo o instinto do homem. Com o passar do tempo e seus progressos, aumenta a desigualdade entre os homens. A competitividade entre os seres humanos desde que eles se tornaram independentes, fez com que eles perdessem seu estado de natureza. A desigualdade se tornou presente no nosso dia a dia e suas consequências são muito assombrosas do que se poderia imaginar.

Desde o instante em que um homem sentiu necessidade do socorro do outro, desde que se percebeu ser útil a um só contar com previsões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campo aprazíveis que se impôs regar com o suor dos homens e nos quis logo se viu escravidão e a miséria germinarem e cessarem com as colheitas. (ROUSSEAU, 2005, p.213).

Durante o percurso do progresso, alguns fatos tinham marcado o rompimento do homem com seu estado de natureza. E o momento que o filósofo considerava para isso era o nascimento da propriedade privada. Para Rousseau, o nascimento da propriedade privada favoreceu completamente o desaparecimento do estado de natureza. As características naturais do ser humano como a tranquilidade de vida, o ser natural e a liberdade natural passaram a ser substituídos pela ganância, competitividade e outras características que a nova vida civil vem trazendo. Para Rousseau, todos esses câmbios mudaram a realidade do homem. O ser (a essência) e o não ser (a aparência) foram substituídos. A essência foi substituída pela aparência.

A verdade da realidade que antes era facilmente notada foi substituída pela obscuridade. De acordo com BARBOSA:

O homem evoluído não se mostra como realmente é, mas como parece ser, e, se comparamos com o estado de natureza, agora, diferentemente, o homem comprometeu sua ingenuidade natural, pois, se antes, não havia necessidade de esconder-se atrás de si mesmo, visto que era verdadeiro e transparente, agora é obrigado a viver preso às suas maléficas criações, por exemplo: relações sociais não confiáveis, mentiras gananciosas e verdades desnecessárias que destroem a sua transparência originária do estado de natureza. (BARBOSA, 2018, p. 6)

Sobre as mudanças que a sociedade moderna vem trazendo, o comentador fez uma crítica. Ele afirma que, com o decorrer do tempo, as necessidades e os prazeres do ser humano mudaram e podemos perceber uma reunião de relações e de paixões fictícias que não têm nenhum fundamento na natureza. O comportamento dos homens mudou com o tempo, o que quer dizer que, o que existia como natural nele não existe mais. A partir das considerações que fez o filósofo, podemos entender que algumas características do homem do estado de natureza mudou. o homem civilizado é mais inteligente, porém depravado. De acordo com (BARBOSA, 2018, p.7), toda culpa da "desnaturação" e, conseqüentemente, da corrupção humana, é do homem do progresso e das relações.

Rousseau estava buscando, de fato, o que justifica a desigualdade. A origem da desigualdade para o filósofo não é nada mais do que a chegada do homem na sociedade moderna e seus fundamentos não têm nenhuma legitimidade porque todos os homens são iguais e livres pela natureza, portanto, deveria permanecer. Rousseau não se refere às desigualdades físicas mas da desigualdade social e política estimulada pela sociedade.

Para demonstrar que a desigualdade não faz parte das leis naturais, o filósofo começou por manifestar sua oposição contra as filosofias que achavam o ser humano como um ser em conflitos com ele mesmo, referendo ao filósofo Inglês Thomas Hobbes no Leviatã. Para

Rousseau, o erro que cometeu Hobbes era descrever o homem não como ele é no estado de natureza, mas no seu estado civilizado. Como fez Rousseau ao longo do segundo *Discurso sobre a desigualdade*, toda tentativa para descrever o homem seria de apresentá-lo no seu estado natural, e para isso, tem que tirar todos os atributos sociais e artificiais.

Como já afirmamos, a primeira parte do segundo *Discurso* consiste em descrever o ser humano no seu estado da natureza, o momento da humanidade antes da socialização e do estado civil. Para descrever melhor o homem no seu estado de natureza, o filósofo afirma: “ Je vois un animal moins fort que les autres, moins agile que les uns, mais à tout prendre, organisé le plus avantageusement de tous”. (ROUSSEAU, 1980-1789, p.20). Como podemos entender isso? Para Rousseau, temos que distinguir o homem e o animal porque segundo ele, o animal é desprovido de todo instinto, mas o homem é dotado de instinto, organizado e tem a capacidade de se adaptar, de se criar e de aprender. É o que o filósofo chama de “La perfectibilité” (perfectibilidade).

O homem é perfeito e livre por natureza, diz Rousseau. Mas comparando ao ser humano, o animal é desprovido de instinto. No estado de natureza, o animal é um ser solitário porque não existe nenhum tipo de sociabilização entre eles. Portanto, o homem do estado de natureza é animado por duas paixões que são fundamentais: o amor por si e a piedade. Comentado por Rousseau no prefácio do seu discurso:

Je crois apercevoir deux principes antérieurs à la raison, dont l'un nous intéresse ardemment à notre bien-être, et la conservation de nous-mêmes, et l'autre nous inspire une répugnance naturelle à voir périr et souffrir tout être sensible et principalement nos semblables. (ROUSSEAU, 2012, préface du Discours)

O homem do estado de natureza para Rousseau não pode ser mau porque ele foi sempre animado pelo amor por si e pela piedade. Como chegamos a sair do estado de natureza para chegar ao estado civil marcado pela desigualdade? Ao passar do tempo, o homem começou a construir cabanas, formar pequenas famílias e comunidades. Observando a natureza, ele começou a reproduzir (a produção dos grãos), começaram a inventar a agricultura e a metalurgia para produzir ferramentas. É, de fato, o começo do fim, diz o filósofo, porque apareceu a propriedade privada. Para Rousseau, é a propriedade privada que favoreceu a desigualdade do

estado de natureza, e depois criou a desigualdade do estado civil. Este processo gera o desejo de querer sempre mais, conflitos entre os homens, os mais fortes exploram os mais fracos. A sociedade permanece num estado de guerra. À Partir daí, precisavam pacificar as relações entre os homens, e para isso, foi inventado o estado e a justiça dominado por tanto, pelos mais ricos para preservar suas influências. A liberdade e a igualdade desapareceram, a desigualdade e a propriedade foram institucionalizadas.

2.1 A DESCRIÇÃO DE ROUSSEAU DO HOMEM NATURAL

Para defender seus argumentos, Rousseau descreve de maneira clara no seu *Discurso sobre a Origem e o Fundamento da Desigualdade entre os Homens*, as bases do seu pensamento político. A compreensão do estado de natureza é uma etapa muito importante para abordar seu pensamento sobre o percurso do ser humano na natureza e em seguida abordar “*o contrato social*”. O filósofo construiu progressivamente seu pensamento para admitir que: De uma parte, o homem é livre por natureza. De outra parte, nenhum ser humano tem o poder legítimo sobre o outro. A partir disso, veio essa pergunta: Porque o homem que é livre por natureza se encontra preso da tirania de um sistema que o próprio homem criou?

A origem do homem para Rousseau desempenhava um grande papel nas obras que constituem seu sistema de pensamento. O filósofo fez uma descrição do estado primitivo do homem, sua solidão ociosa e feliz; seus desejos em harmonia com suas necessidades, seus apetites e suas necessidades de satisfazê-los. Segundo Rousseau, o homem se entregou à servidão do tempo desenvolvendo todos os seus recursos da sua perfectibilidade que leva eles ao progresso, por conta de seus desejos, o homem se tornou sociável e mau, dotou-se das aparências enganosas, senhor da sua própria natureza à custa da sua própria desnaturação.

Ao desenvolver a pergunta da academia de Dijon “ Qual é a origem da desigualdade entre os seres humanos, o mesmo é autorizado pela lei natural?”, que é uma resposta referente à pergunta feita pela academia, Rousseau encontrou a oportunidade de apresentar os princípios e as características do homem natural. Para Rousseau, a primeira fonte do mal é a desigualdade e ele

pretende ir além e cavar até a raiz para descobrir que o mal é o resultado da desigualdade. para aprofundar, ele afirma:

Concebo, na espécie humana,, duas espécies de desigualdade: uma a que chamo natural ou física, por ser estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença de idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito o da alma: a outra, a que se pode chamar de desigualdade moral, ou política, por depender de uma espécie de convenção a ser estabelecida, ou pelo menos autorizada, pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos diferentes privilégios que alguns usufruem em prejuízo dos outros, como serem mais ricos, mais reverenciados e mais poderosos do que eles, ou mesmo em se fazerem obedecer por eles. (ROUSSEAU, 2005, p. 159)

Então para Rousseau, não se pode perguntar qual é a fonte da desigualdade natural porque a resposta se encontra na definição atribuída à palavra.

2.2 AS CARACTERÍSTICAS DO HOMEM NATURAL

As descrições que fez Rousseau no segundo *Discurso* descreve o homem que não era social. Como era o homem antes de ele fazer o contrato para se juntar com o outro e viver em sociedade? O filósofo descreve esse homem natural vivendo na natureza. Rousseau estava imaginando como poderia ser o homem sem os vícios da sociedade. Para ele, existem algumas características específicas do homem natural. O homem natural vive na natureza e é solitário. Ele é caracterizado por dois sentimentos: o amor de si, que é próprio dele para conservar a sua natureza e a piedade natural.

As descrições que Rousseau fez na primeira parte *do Discurso sobre a desigualdade*, se referem às primeiras sociedades. Essa primeira estabelecida pelo homem consiste em lutar pela sua própria conservação, e é motivado pelo seu próprio cuidado. Para podermos entender o homem no seu estado natural, precisamos voltar à sua origem e examiná-lo. De acordo com Rousseau:

Os homens, dispersos entre eles, observam, imitam-lhes o engenho e elevam-se assim ao instinto dos animais, com a vantagem de que enquanto cada espécie tem apenas seu próprio instinto, o homem, não tendo talvez nenhum que lhe pertença, apropria-se de todos, alimenta-se igualmente com a maioria dos diversos alimentos que os outros animais dividem entre si e, por conseguinte, encontra sua subsistência com mais facilidade do que pode conseguir qualquer um deles. (ROUSSEAU, 2005, p.164.)

Desde sua origem, o homem natural forma uma estrutura robusta e inalterável. Sendo o corpo, o único instrumento conhecido pelo homem natural, ele o usa em diversos recursos. Para sobreviver, o homem selvagem se dispersa entre os animais na eventualidade de medir-se com eles. Segundo o filósofo, a maioria dos nossos males poderiam ser evitados se tivéssemos conservado a maneira de viver simples, uniforme e solitária que nos era prescrita pela natureza.

Ao socializar-se, o homem se torna fraco e temeroso. Fisicamente, ele perde sua habilidade e sua coragem. Além da força física, o homem perde sua força moral e metafísica. O filósofo afirma ver no homem natural uma máquina habilidosa para trabalhar à sua sobrevivência, garantir-se uma vida protegida contra tudo quanto tende a destruí-la. Para Rousseau, a paixão do homem se origina das necessidades que ele tem. O homem selvagem era privado de todos os tipos de conhecimentos e seus desejos não ultrapassaram suas necessidades físicas. Sua única preocupação era de satisfazer suas necessidades de alimentação.

Para Rousseau, o homem selvagem se entregou pela natureza unicamente ao instinto. A consciência do ser humano deve muito às paixões que a razão se aperfeiçoa. Para argumentar, ele afirma:

As paixões por sua vez, originam-se de nossas necessidades, e seu progresso em nossos conhecimentos, pois só se pode desejar ou temer as coisas conforme as ideias que se pode ter delas, ou pelo mero impulso da natureza; e o homem selvagem, privado de qualquer tipo de luzes, só experimenta as paixões dessa

última espécie; seus desejos não ultrapassam suas necessidades físicas. Os únicos bens que conhece o universo são a alimentação, uma fêmea e o descanso; os únicos males que temem são a dor e a fome; digo a dor e não a morte, pois nunca o animal saberá o que é morrer, e o conhecimento da morte e de seu terrores é uma das primeiras aquisições que o homem fez ao distanciar-se da condição animal. (ROUSSEAU, 2005, p. 175).

Rousseau atribui uma grande importância à transformação do homem natural. *O Discurso sobre a desigualdade* se concentra na busca de esclarecimento e de entendimento na construção da história da sociedade. Segundo o filósofo, o ser humano não é sociável desde sua origem. É pelo decorrer do tempo marcado pela sua perfectibilidade. Ainda que ele considere a perfectibilidade como um dom natural, Rousseau estava imaginando uma sociedade prestes a uma lenta expansão afirmando: o homem é o único que tem por natureza o poder de deixar o estado primitivo em que ele nasceu. Para ele, o homem possui uma capacidade única: o poder de falar e de escutar. O homem se define não porque ele fala, mas porque ele tem a capacidade de escutar. O homem natural é descrito no segundo discurso como um animal solitário que não tinha capacidade para se comunicar com seus semelhantes. Rousseau antecipava a sua capacidade para enumerar todos os fatores que prejudicaram o homem natural.

Quando Rousseau pensava no estado natural do homem, ele queria voltar ao princípio da sua natureza para poder entender as condições que o leva às suas condições de dominação da burguesia do seu tempo. A análise do segundo discurso será uma maneira de tirar do homem tudo que ele acumula da natureza, um método para voltar a sua origem antes do processo de socialização. Para argumentar, Rousseau afirmou:

E como o homem conseguiria ver-se tal como o formou a natureza através de todas as mudanças provocadas em sua constituição original pela sucessão dos tempos e das coisas e distinguir o que pertence à sua própria natureza daquilo que as circunstâncias e seus progressos acrescentaram ao seu estado primitivo ou nele mudaram?” (ROUSSEAU, 2005, p. 149)

Para Rousseau, existe uma grande diferença entre o que somos agora e o que era o homem natural. Portanto, seu objetivo era tirar do homem o que não é natural. O homem natural não é mau nem sociável, diz o filósofo. Naturalmente, o ser humano não é sociável e essa ausência de sociabilidade não implica que ele seja mau; só que não precisa do outro. Para confirmar ele afirma:

Os selvagens não são maus justamente por não saberem o que é serem bons, pois não é nem o desenvolvimento das luzes, nem o freio da lei, mas sim a calma das paixões e a ignorância dos vícios que os impedem de proceder mal. (ROUSSEAU, 2005, p. 189).

Para Rousseau, não se trata de uma idealização do homem natural, mas da sua inocência natural que não faz mal a ninguém, e que se importa com sua própria paixão. É o amor de si que se manifesta com seu próprio instinto de sobrevivência. A bondade natural para Rousseau não é bondade moral porque o homem natural não se importa com a moralidade. Não existe uma fronteira entre o homem e o animal porque a humanidade é uma espécie de animal que tem a particularidade de perfeição a um período recente. O estado social se sobrepõe à natureza e contribui para sua desnaturação. Na visão de Rousseau, é de entender que a natureza é um processo ativo que existe por si mesmo, caracterizando por seu próprio movimento em que a vida humana faz parte. Para Rousseau, ao se socializar, o homem se coloca fora da natureza.

Quais experiências seriam necessárias para chegar a conhecer o homem natural e quais são os meios de fazer essas experiências no seio da sociedade? Longe de empreender a solução desse problema, creio haver bastante meditado sobre o assunto para atrever-me a responder de antemão que os maiores filósofos não serão suficientemente bons para dirigir tais experiências, nem os mais poderosos soberanos para fazê-las, não sendo muito razoável contar com esse concurso, sobretudo com a perseverança, ou melhor, com a sucessão de luzes e de boa vontade necessária de ambas as partes para alcançar o sucesso. (ROUSSEAU, 2005, p. 151).

O homem na sua condição primitiva tinha o instinto de animal e essa situação de ser o homem da natureza trazia muita felicidade para ele. Rousseau considera essa condição para o

homem como um paraíso. Ele saiu dessa condição, quando começou a exercer sua possibilidade de raciocínio. Começando a usar sua razão, o homem começou a ter conhecimento do bem e do mal, eis a existência do mal, da miséria e da infelicidade. De fato, de acordo com (Starobinski, 2012, p. 390), essa discussão filosófica concerne menos aos acontecimentos da história do que ao processo pelo qual o homem, de início estranhou a história, tornou-se progressivamente um ser adaptado ao processo da evolução.

Retomando essa pergunta de Starobinski, quais são as causas que, modificando uma humanidade inteiramente animal, fizeram dela o sujeito e o agente da história? Para pintar a história e a construção do homem, Rousseau se faz o homem da natureza. Para ele, existem algumas características específicas e especiais que determinam o homem da natureza. Por exemplo, o homem da natureza é definido pela boa condição da sua saúde. Ele é simpático e tem o instinto do amor próprio. No estado de dispersão em que Rousseau imagina a humanidade primitiva, nada une o indivíduo ao seu semelhante, mas nada igualmente o escraviza. Para entender melhor, Starobinsky afirma:

Não experimentando nenhum desejo de comunicação, ele não se sente separado; nenhuma distância metafísica o afasta ainda do objeto exterior, sua relação com o mundo faz parte do indivíduo, há correlação, acordo harmonizado entre a necessidade, e o desejo do mundo.(STAROBINSKI, 2012, p. 393)

As descrições de Rousseau descreve o homem natural como o animal mais singular que nunca existiu. Talvez, visse claramente que a virtude faz parte do homem selvagem mais do que o homem civilizado porque segundo ele, o vício faz parte da sociedade moderna o que é contrário na sociedade primitiva. Esta, é a definição que atribui Rousseau ao homem da natureza, substituindo a ideia de virtude pela de bondade.

Para Rousseau, a sociedade primitiva não tinha necessidade de tomar o caminho do progresso. O conhecimento e o progresso estão relacionados para levar o homem ao desenvolvimento. Eles ajudam a aumentar o bem estar e o conforto da vida do ser humano, mas

o problema deste conforto de vida faz com que o homem perca sua resistência do ser humano natural, do estado de natureza, e se focalize sobre a sua força e sua virtude para sobreviver. Para Rousseau, se o homem da natureza é mais honesto do que o homem moderno, é porque ao estado natural, o homem é obrigado a ser corajoso e honesto. Para ele, o homem não pode se esconder atrás da hipocrisia social e da manipulação.

O fato de que o homem da natureza não tinha muita necessidade, ele era virtuoso e seu instinto de sobrevivência era ligado ao seu próprio amor e à piedade. Essa condição do homem natural desprovido de conhecimento, sem cultura, sem inteligência técnica, era uma força e uma capacidade natural para se adaptar ao seu meio. O homem puro em Rousseau, é o homem desprovido dos artificios naturais, sociais, ideológicos e políticos que favorecem em alguns ser humano o sentimento de superioridade, de ser o dono do mundo, mais forte do que a natureza que o filósofo rejeita totalmente.

Para Rousseau, a ilusão de todo o poder do homem sobre a natureza vai ocasionar a sua perda. É muito difícil entender essa posição radical de Rousseau, mas essa radicalidade permite que voltamos a fazer essa pergunta: O que é o progresso? Qual é a sua importância na sociedade? Para Rousseau, o progresso em si não se refere a muita coisa, se não causando danos à moralidade e à igualdade da sociedade. À medida que a humanidade está se desenvolvendo e avançando do ponto de vista tecnológico, ela está decrescendo moralmente.

O filósofo opõe então, o amor de si ao amor próprio, o orgulho e o egoísmo que faz com que o homem se sinta superior ao outro. Para Rousseau, o estado de natureza é o estado mais adequado em que o homem pode viver na liberdade e permanecer na igualdade. O homem, sendo no estado de natureza, não tem a vocação de sair para o estado da sociedade civil porque neste estado primitivo, a natureza permite que o homem responda às suas necessidades. A pergunta a fazer sobre o estado natural, se é realmente perfeito para o homem, porque precisamos sair da natureza para chegar ao estado civil? Para o filósofo, quando o homem começou a coabitar na sociedade, começou a mudar seus costumes e acabou se afastando inconscientemente da natureza.

O fato de que o homem encontrava na natureza tudo que ele precisava para sobreviver faz com que ele não tenha necessidade de sair dela. Toda a trajetória do homem desde seu nascimento e sua convivência na natureza faz com que ele seja bom e perfeito por natureza. Mas quando começou a estabelecer a propriedade privada, ele deixa de ser bom e se transforma num sujeito mal. Com o surgimento da propriedade privada que favorecia a escravização do indivíduo e o enriquecimento de uma classe restringida de ser humano, o homem precisa de um pacto para condicionar sua coabitação na sociedade. É o contrato social sugerido por Rousseau.

2.2.1 A LIBERDADE E A PERFECTIBILIDADE

De acordo com o pensamento filosófico de Rousseau, existem duas liberdades: a liberdade natural e a liberdade civil. Baseado no seu *Discurso sobre a desigualdade*, convém mais falar sobre a liberdade natural. Segundo o filósofo, a liberdade natural é uma liberdade total que proporciona ao ser humano a liberdade de fazer tudo o que ele deseja, quando e como deseja. Para Rousseau, a liberdade é ligada ao instinto e proporciona o livre arbítrio de agradar e satisfazer suas necessidades que são ligadas ao instinto. Ao estado de natureza, a liberdade não tem um pensamento coletivo, não depende do outro para exercer-se.

2

Nascido para ser livre na natureza, o ser humano tem a capacidade e a liberdade de escolher e rejeitar pelo ato de instinto e da liberdade. Segundo Rousseau, todo animal tem ideias porque neles manifestam os sentidos. Pela capacidade de combinar suas ideias com os sentidos, os homens apresentam melhores capacidades do que os outros animais. De acordo com Rousseau, (2005, p. 173) o homem se reconhece livre para aquiescer ou para resistir, sendo sobretudo na consciência dessa liberdade de sua alma, pois a física explica de certa maneira o mecanismo dos sentidos e a formação das ideias. Já que os homens são diferentes dos animais, ainda apresentam algumas características que os diferem dos animais; a faculdade e a capacidade de aperfeiçoar-se.

A perfectibilidade para Rousseau, é a capacidade que o homem da natureza tinha de se aperfeiçoar ao decorrer da sua vida. E essa capacidade do homem faz com que ele seja diferente dos outros animais. Ao estado de natureza, não existia muita diferença entre o homem e o

² Liberdade natural: Liberdade proporcionada e adquirida para todos pela lei natural.

animal. Apesar de ser uma questão que provoca muita controvérsia, Rousseau, (2005 p. 173) afirma: " há outra qualidade muito específica que os distingue, e sobre o qual não pode haver contestação: a faculdade de aperfeiçoar-se". Devido às circunstâncias, o homem da natureza desenvolve todas as capacidades para se adaptar a qualquer situação. Mas, com o passar do tempo, o homem começou a perder tudo que ele havia adquirido pela perfeição. Para argumentar, o filósofo afirma:

Seria triste para nós sermos forçados a convir que essa faculdade distintiva, e quase limitada, é a fonte de todas as infelicidades do homem: que é ela que o tira, por força do tempo, dessa condição originária em que ele passaria dias tranquilos e inocentes; que é ela que, fazendo desabrochar com os séculos suas luzes e seus erros, seus vícios e suas virtudes, torna-o com o tempo o tirano de si mesmo e da natureza. (ROUSSEAU, 2005, p. 174).

O homem selvagem funcionava na natureza unicamente pelo efeito do instinto. Era a faculdade que o permitia de se desenvolver e levá-lo muito acima do que era. Rousseau considera essa capacidade do homem como a única que o proporciona as operações da sua alma até que, pelas circunstâncias, provocam novos desenvolvimentos.

2.2.2 ROUSSEAU E AS PAIXÕES NATURAIS

Rousseau, afirmou que o homem natural era dotado de duas características específicas que o caracterizavam: o amor de si e sua piedade. Dessas duas qualidades, decorrem todas as virtudes sociais que existem no homem. Para o filósofo, é da razão que surge o amor por si e a reflexão o fortalece. Essa paixão natural faz com que o homem viva e se adapte à natureza. Para Rousseau, a piedade é um sentimento que deriva da natureza e é manifestado em cada indivíduo pelo impulso do amor por si mesmo, concorrendo pela conservação recíproca de toda espécie. A piedade é o sentimento que nos leva a ter compaixão pelo outro quando está sofrendo, é ela que substitui as leis no estado de natureza, costumes e virtudes. Rousseau, (2005, p. 193) afirma; é

em suma nesse sentimento natural, mais do que nos argumentos sutis, que se deve procurar a causa da repugnância que todo homem experimentaria ao fazer o mal, mesmo independentemente das máximas da educação.

O homem no seu estado natural e selvagem tinha mais compaixão do que maldade. Era muito preocupado em proteger-se do mal do que poderia sofrer do que fazê-lo a outrem. Não existia nenhum tipo de relação que pudesse comprometer a sua convenção no estado natural. Por tanto, não tinha, nem a consideração, nem a aparência, a estima, o desprezo, nenhum sentimento de pertença entre o meu e o teu que podiam causar algum tipo de sofrimento entre o homem. Existem algumas paixões que agitam mais o coração do homem. Para Rousseau, quanto mais violentas são as paixões, mais necessárias seriam algumas leis para contê-las. Apesar de que as consequências das paixões decorrem da criação das leis, mas elas são necessárias para reprimi-las, diz o filósofo.

Existem alguns sentimentos de paixões que alimentam o desejo do ser humano; o amor é um desses sentimentos pelo qual uma pessoa deseja unir-se a outra. Esse desejo é animado pela moral e é determinado pelo maior grau de energia para esse objeto desejado. De acordo com Rousseau, (2005, p. 194); ora, é fácil ver que a moral do amor é um sentimento factício, nascido do convívio na sociedade, e celebrado pelas mulheres com muita habilidade e cuidando a fim de estabelecerem seu império e tornar dominante o sexo que deveria obedecer. (Comparando a época de hoje com o estado de natureza, o filósofo entende que a dominação dos homens sobre as mulheres era uma coisa comum). Segundo Rousseau, o amor como sentimento moral e artificial, não fazia parte do homem natural. O homem selvagem somente tem a capacidade de se adaptar unicamente aos temperamentos que recebeu da natureza. Para Rousseau, (2005, p. 195), a imaginação, que provoca tantas confusões entre nós, não fala a corações selvagem; cada qual aguarda calmamente a inspiração da natureza, entrega-se a ele sem escolha, com mais prazer do que furor, e, satisfeita a necessidade, extingue-se todo o desejo. É incontestável segundo Rousseau que o próprio amor, assim como as outras paixões, adquirem na sociedade essa sensação imprudente que tantas vezes o torna nefasto para o homem.

Permanecendo na floresta, sem criatividade, sem poder se comunicar, sem moradia, num clima de paz, sem pensar a prejudicar seu vizinho, o homem selvagem, sujeito a poucos paixões, satisfeito com pouco que lhe pertence, era feliz e ciente do seu estado, que precisava soluções apenas para suas verdadeiras necessidades, olhando pelas interesses necessárias que prevalecem seu desejo. As realidades da nova sociedade faz com que Rousseau foi além da condição primitiva e mostrar que, no quadro do verdadeiro estado de natureza, para mostrar que, está muito longe de ter a realidade da nova sociedade. Entre as diferenças que distinguem os homens, tornam a ser naturais pelo simples fato de que são obras de hábitos e dos diversos gêneros da vida adotada pelo homem na sociedade. Essas características nos ajudam a entender as diferenças não eram muito grandes entre os homens do estado de natureza, o que era contrário na nova sociedade. Enquanto os mais fortes estão abusando e oprimindo os mais fracos, o homem selvagem nem tem conhecimento do que seria a servidão e a dominação.

Todos esses pormenores desenvolvidos por Rousseau demonstram que as características que definem o homem natural são muito diferentes daquelas que definem o homem moderno. Para argumentar melhor, ele afirma:

Depois de haver provado que a desigualdade é apenas perceptível no estado de natureza, e que nele sua influência é quase nula, resta-me mostrar sua origem e seus progressos nos desenvolvimentos sucessivos do espírito humano. Depois de haver mostrado que a perfectibilidade, as virtudes sociais e as outras faculdades que o homem natural receberá potencialmente nunca pode poderiam desenvolver-se por si sós, que para tanto necessitavam do concurso fortuito de várias causas estranhas, que poderiam jamais nascer , e sem as quais ele teria permanecido eternamente em sua condição primitiva. ROUSSEAU, 2005, p.200)

Os acontecimentos descritos por Rousseau são muito determinantes e demonstram o percurso da história do homem na natureza. Basta considerar e relacionar os diferentes acontecimentos que poderiam aprimorar a razão humana, tornando mau o ser humano ao querer

se socializar, trazendo o mundo ao ponto em que se encontra. São objetos tomados em conta pelo filósofo assim como os esforços do seu juízo utilizado de maneira diferente dos juízos comuns para chegar a essa conclusão.

3 O DESENVOLVIMENTO DA DESIGUALDADE MARCADO PELO SURGIMENTO DAS SOCIEDADES.

Para responder e argumentar sobre a pergunta que fez a Academia de Dijon: Qual é a origem da desigualdade entre os homens, e o mesmo é autorizado pela lei natural? Para justificar, Rousseau baseia seus argumentos essencialmente na segunda parte do seu discurso. Na primeira parte do *Discurso sobre desigualdade*, ele descreve o homem no seu estado natural e na segunda, ele descreve os processos utilizados pelo homem para chegar a criar entre eles a desigualdade. As duas partes do livro descrevem cada uma, um tipo de homem; o homem natural criado para viver na natureza, e o homem civilizado da sociedade sob a direção de um Estado Político. O objetivo de Rousseau era sempre, partir do homem do estado natural para entender como chegamos ao homem civilizado e suas características.

Nos objetivos descritivos de Rousseau, ele busca descrever e mostrar o que é realmente o homem, defendendo que a desigualdade não é natural, mas depende da cultura humana e da sua socialização. Nas perspectivas descritivas de Rousseau, ele busca demonstrar o que é natural e o que é dependente da socialização. Nas suas perspectivas normativas, ele demonstra o que é fundamental para cada ser humano e tenta entender o que justifica o desejo pela desigualdade.

Nas perspectivas de buscar a entender o que justifica os motivos do estabelecimento da desigualdade entre os homens, o filósofo afirma:

O primeiro que, tendo cercado um terreno, atreveu-se a dizer: Isto é meu, e encontrou pessoas simples o suficiente para acreditar nele, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassínios, quantas misérias e horrores não teria poupado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, houvesse gritado aos seus semelhantes: "Evitai ouvir esse impostor".
(ROUSSEAU, 2005, p. 203).

Mas para Rousseau, parece que tudo havia mudado. Segundo ele, a ideia de propriedade veio de um longo processo das ideias que nasceram sucessivamente no espírito do ser humano.

Para chegar a este ponto, o homem tomou o perigoso caminho do progresso. As novas concepções que resultaram do desenvolvimento e do progresso aumentaram no homem o sentimento de superioridade sobre os outros animais. A força no combate, a velocidade nas corridas se tornaram objetos de competições. Foi produzido o sentimento de orgulho, distinguindo-se das categorias, considerando-se como o primeiro da sua espécie, e se prepara para pretender-se como o primeiro da sua categoria. Os primeiros progressos que realizaram o ser humano os habilitaram a obter outros mais rápidos. Esses progressos fazem com que o homem comece a esclarecer seu espírito e aperfeiçoando seu engenho. Rousseau descreve esse momento como a época da primeira revolução que formou o estabelecimento e a distinção das categorias e das famílias, introduzindo o espírito da propriedade, da qual nasceram competições e brigas. Eles adquirem conhecimentos, transmitem novas ideias e valores à nova geração, fazem com que esses valores terão que permanecer e transmitir de geração para geração, o que leva o homem nesse caminho que marcará o último termo na sua ordem temporal e no limite do estado de natureza.

De acordo com Rousseau, (2005, p. 204), o primeiro sentimento do homem foi o de sua existência, seu primeiro cuidado, o da sua conservação. Voltando à origem do homem e do seu estado natural, seu sentimento era sempre de se encaixar na natureza para sua sobrevivência, cuidar a si mesmo e das pessoas mais próximas dele. Para o filósofo, o homem natural nunca foi além da sua autoconservação porque as produções naturais da terra eram suficientes e forneciam todas as ajudas e socorros necessários ao homem para satisfazer suas necessidades. Mas, a capacidade de perfectibilidade do homem o levou a civilizar todos os recursos da natureza para utilizá-los e sobreviver. O instinto de sobrevivência faz com que o homem se adapte a diversas formas e maneiras de existir. Satisfeito pela sua existência na natureza, nada tinha grande importância, além de estar nela e se adaptar.

O filósofo descreve essa situação do homem natural como a condição de vida de um animal limitado apenas às sensações, capacidades e condições que a natureza lhe oferece. Aparentemente satisfeito com essa situação de vida, estava longe de pensar em extrair do homem alguma coisa que pudesse condicionar sua existência na natureza. Logo, que apareceram certas

dificuldades e foi preciso lidar com elas, começou a utilizar de outra maneira sua capacidade de adaptação. Para argumentar, Rousseau afirma:

Mas logo que apresentaram dificuldades e foi preciso aprender a vencê-las: a altura das árvores que o impedia de alcançar-lhe os frutos, a concorrência dos animais que procuravam alimentar-se deles, a ferocidade daqueles que lhe atacavam a própria vida, tudo o obrigou a aplicar-se aos exercícios do corpo; teve de ficar ágil, veloz na corrida, e vigoroso no combate. (ROUSSEAU, 2005 p. 204).

Com o passar do tempo, o gênero humano aumentou consideravelmente, assim como e seus esforços para sobreviver aumentaram. A mudança do clima, diferenças pela dominação dos terrenos começaram a fazer parte do dia a dia dos humanos. Longos anos sem colheitas, invernos mais intensos, e o sol mais quente do que o normal exigem do homem novas capacidades de adaptação. Todas essas inesperadas mudanças forçaram o homem a encontrar outras maneiras de viver e de se adaptar. A natureza era a principal fonte de alimentos para se alimentar e com essas mudanças, foi preciso inventar flechas e arcos para caçar, se tornou pescador e guerreiro. Para lidar com as baixas temperaturas, teve de inventar roupas feitas com peles de animais. O homem começou a domesticar o fogo para se esquentar e transformar seu alimento que antes devoraram crua.

Para Rousseau, (2005, p. 205) essas situações que geraram comparações diversas entre o ser humano com seu próximo vem trazendo naturalmente no espírito do homem novas perspectivas de certas relações. As novas mudanças que resultaram do desenvolvimento do homem aumentam sua ideia de superioridade sobre seus semelhantes e outros animais da natureza. O homem começou a se tornar mal. Armadilha, força no combate, velocidade nas corridas, o que poderia ser útil ou não, tornou-se com o tempo, novas formas de competição pela sobrevivência. De acordo com Rousseau, (2005, p. 205), foi assim que o primeiro olhar que dirigiu a si mesmo produziu o primeiro sentimento de orgulho do ser humano, distinguindo-se das categorias da sua espécie.

Ciente pelo desconforto e a certeza de que o amor do bem estar é o único motivo das ações humanas, não existia outros motivos com que o homem possa se identificar às poucas ocasiões em que o interesse comum devia fazer com que contasse sobre o apoio e a assistência do seu semelhante, ainda menos aquelas com que desconfiasse dele. Em ambas situações, o homem começou a entender que é importante tirar proveito das boas situações e se proteger contra os ruins. De acordo com Rousseau, (2005, p. 206), eis como puderam os homens adquirir insensivelmente certa ideia grosseira dos compromissos mútuos, das vantagens de cumpri-los, mas somente o quanto o poderia exigir o interesse presente e palpável.

Essa época é considerada por Rousseau como uma primeira revolução introduzindo o primeiro estabelecimento de distinção das famílias gerando o espírito da propriedade da qual nasceram, talvez, muitas brigas entre o ser humano. Por tanto, os mais fortes foram os mais beneficiados desta situação porque criaram um clima para poder aproveitar da debilidade dos mais fracos marcando sua posição de força. Nessa nova sociedade desejada pelo homem, ele começou a ter uma vida muito simples e solitária. Ele se auto conduz à primeira fonte de males e preparando um futuro comprometido para seus descendentes, Eis aí, o destino complicado criado pelo homem. Ao sair da natureza, o homem começou a perceber que o hábito de viver juntos pode ampliar-se mais ainda. Cada família começou a se tornar uma pequena sociedade unida por ser o apego recíproco, que tem como principal objetivo a liberdade como o único vínculo. Foi assim que apareceu o hábito de juntar os dois sexos, que até então costumavam viver separados. Enquanto o homem está trabalhando na fazenda pela sobrevivência da sua família, as mulheres se tornam mais sedentárias, cuidando das cabanas e dos filhos. Os homens começaram a se tornar mais indolentes, perdendo sua força e seu vigor, tornando-se menos preparados para combater seus inimigos.

Com esse processo, o homem continua incessantemente a enfraquecer seu corpo e sua mente. Começou a limitar suas capacidades a satisfazer suas necessidades, começaram a se adaptar com as novas comodidades, perderam quase todo o atrativo, degenerando em verdadeiras necessidades. A privação de todas essas coisas começou a fazer falta. Rousseau, (2005, p. 209), afirma; assim, a privação dessas coisas tornou-se mais cruel do que doce era a sua posse, e sentiam-se infeliz por perdê-las, sem serem felizes por possuí-las. Tudo começou a mudar. Antes,

o homem que vivia pelos bosques começou a aproximar-se, vivendo cada vez mais fixo. Reúne em diversos grupos, forma em cada região, uma nação comum, uniforme nos costumes, não regulamentado pela lei, mas pela necessidade comum dos alimentos e da situação climática. Os jovens que viviam antigamente isolados, começaram a conviver juntamente nas cabanas, passaram a viver fora do relacionamento que viviam na natureza, tornando-se mais permanente nelas. As considerações pelos novos objetos começaram a se tornar mais frequentes, novas ideias de méritos começaram a surgir, ideias de preferências e de belezas se tornaram mais frequentes, o ciúme despertou com o sentimento do amor. O gênero humano está continuando no seu caminho sem volta, no processo da sua total saída da natureza. Continuando a mudar seus sentimentos, seu espírito e seu coração estão se exercitando aos desejos, a domesticar-se, os laços que ligaram eles estão começando a se apertar. Os homens começaram a ter um olhar diferente aos outros e querem ser olhados por sua vez. Os talentos começam a se expor e tudo isso abre ainda mais o caminho pela saída do homem na natureza. Nasceram de um lado o amor próprio e a depreciação, do outro a vergonha e a veleidade. Todos esses desejos causam no ser humano muitos danos à felicidade e à inocência.

Assim que os homens começaram a precisar-se mutuamente e se lhes formou no espírito a ideia de consideração, cada qual pretendeu ter direito a ela e não foi mais possível privar ninguém dela impunemente. Provieram daí os primeiros deveres da civilidade, mesmo entre os selvagens, e a partir daí qualquer agravo voluntário tornou-se um ultraje porque, com o mal que resultava da injúria, o ofendido nela via o desprezo da sua pessoa, em geral mais insuportável do que o próprio mal. (ROUSSEAU, 2005, p. 211).

Dessa afirmação de Rousseau, entendemos que o ser humano está cada vez mais se afastando do seu estado primitivo e se aproximando da modernidade, na estupidez dos brutos e nas luzes do ser humano moderno, limitado pelo instinto e pela razão.

3.1 A SOCIEDADE DA IDADE DE OURO

Observando a nova sociedade que o filósofo chamou de “Idade do Ouro”, ele percebe que as relações já estabelecidas pelo ser humano exigem novas qualidades de convivência. Os primeiros progressos do homem capacitaram ele a ampliar suas habilidades. Esse período foi muito determinante para o homem. Foi o momento em que ele conseguiu estabelecer a primeira forma de sociedade, a constituição da propriedade, e certos desenvolvimentos psicológicos como o amor conjugal, o amor paternal, e a diferença entre os sexos. À medida que o homem está se aproximando da nova sociedade, está ficando cada vez menos tolerante e sua piedade natural havia sofrido algumas alterações. Como afirma Rousseau, (2005, p. 212), esse período do desenvolvimento das faculdades humanas, mantendo-se no exato meio-termo entre a indolência do estado primitivo e a petulante atividade de nosso amor-próprio. Portanto, ao examinar os fatos, podemos concluir que esse estado era o menos sujeito às revoluções, e o melhor pela convivência do ser humano. O homem saiu da sociedade que Rousseau chamou de “Idade de Ouro”, talvez por algumas danosas oportunidades que não tinham nada a ver com a utilidade comum. Para o filósofo, esse exemplo do homem selvagem parece confirmar que o ser humano era feito para viver e permanecer sempre na natureza, e qualquer tentativa que levaria o homem a sair fora dela prejudicaria a espécie humana.

Quando a moralidade começou a se introduzir nas ações humanas, a benevolência favorável ao estado de natureza não era o que correspondia ao legítimo e à nova sociedade. Essa condição faz com que o homem se torne menos tolerante, mais arrogante, a piedade natural tenha sofrido algumas alterações. Baseando nas reflexões de Rousseau, podemos entender que a saída do homem no estado natural, e o surgimento da nova sociedade não ajudava a evolução do homem. Ao refletir sobre as novas práticas e novas aquisições, podemos perceber que o estado de natureza era o mais adequado pela permanência do ser humano porque era menos sujeito às revoluções e melhor para o homem.

Apesar de que o homem foi incentivado pela curiosidade da nova sociedade, ainda tinha conservado uma relação de convivência entre eles. Quando começaram a abandonar certas práticas como; os espinhos de plantas e outros materiais da natureza que serviam como roupas para cobrir seus peles, os costumes como pintar o corpo, aperfeiçoar seus arcos e flechas, a fabricar suas canoas com pedras, seus instrumentos de músicos, começaram a usar os materiais

que um homem poderia produzir sozinho, das artes que não precisava do conjunto para sua realização; homem começou a tomar o caminho sem volta pela saída do seu estado natural. Os homens viveram livres, bons e felizes numa relação independente. Começou a mudar completamente a história do homem.

Mas, a partir do instante em que um homem necessitou do auxílio do outro, desde que percebeu que era útil a um só ter provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas se transformaram em campos risonhos que cumpria regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e medrarem com as searas. (ROUSSEAU, 2005 , p.213)

A partir do momento que surgiram a metalurgia e a agricultura, que foram considerados por Rousseau como uma arte, começou uma grande revolução que mudará a evolução do homem. O ferro e o trigo são considerados pelo filósofo principalmente como os responsáveis pelos quais o ser humano perdeu o gênero humano. Segundo Rousseau, ao estado de natureza, o ferro e o trigo eram completamente desconhecidos pelo povo da América e seu descobrimento traz conforto para eles. Assim, o homem sente a vontade de explorar o que eles consideravam como um tesouro. Para o filósofo, é muito difícil conjecturar como os homens chegaram a conhecer e empregar essas matérias, apesar do mistério que permanece sobre como o ferro apareceu, pois não é crível que tenham imaginando por si sós extrair a matéria da mina, diz Rousseau, mas é em grande parte o principal responsável pela saída do homem do seu estado natural. Apesar de conhecer a existência da agricultura bem antes do estabelecimento da sua prática. Mesmo fazendo parte da civilização humana desde a aparição do homem na natureza, a transformação e a modernização da agricultura contribuíram para fazer com que o homem saísse da natureza e do seu estado primitivo. Talvez, o homem começou a usar muito tarde a agricultura, pelo fato de que eles tinham a caça e a pesca como outras fontes de alimentos. Assim, não precisavam do uso do trigo, ou talvez, por falta de instrumentos, não tinha como cultivá-lo. Para melhor argumentar, o filósofo afirma:

A invenção das outras artes foi, pois, necessária para forçar o gênero humano a aplicar-se à arte da agricultura. Desde que se precisou de homens para fundir e forjar o ferro, precisou-se de outros para alimentar a estes. Quanto mais veio a multiplicar-se o número dos operários, menos mãos foram empregadas no fornecimento da subsistência comum, sem que houvesse menos bocas para consumi-la; e como uns precisaram de alimentos em troca de seu ferro os outros descobriram afinal o segredo de empregar o ferro na multiplicação dos alimentos. (ROUSSEAU, 2005, p.215)

Eis aqui que nasceram as ferramentas e a multiplicação de seu uso. Por um lado, a plantação e a arte de cultivar, de outro, a faculdade de transformar o metal para melhor utilizá-lo.

Para melhor distribuir as riquezas e as propriedades, surgiu-se a necessidade das primeiras regras de justiça. Olhando para seu redor, o homem percebe que precisa projetar suas vistas pelo futuro, temendo as possíveis situações de perdas, as represálias dos danos que poderiam causar. Rousseau, (2005. p. 216), afirma; essa origem é tanto mais natural quanto é impossível conceber a ideia de que a propriedade nascesse de algo que não a mão-de-obra, pois não se vê o que, para apropriar-se das coisas que não fez, o homem pode introduzir-lhe além do seu trabalho. Pela arte e pela capacidade de trabalhar e transformar os produtos da terra, o agricultor tem o direito sobre os produtos da terra que ele transforma. Ele tem a possibilidade e o direito sobre o solo da colheita por vários anos, o que se transforma em uma posse indeterminada e em sua própria propriedade. Essa situação produziu uma nova forma de direito que é o direito à propriedade, o que é o contrário daquele estabelecido pela lei natural.

Depois da saída do homem do estado natural, existia outra possibilidade de deixarem as coisas permanecerem iguais. Se as distribuições das riquezas fossem iguais, se o talento permanecesse igual, o emprego do ferro assim como o consumo dos alimentos estivessem equilibrados, não haveria tanta diferença entre o estado primitivo e a modernidade. Por tanto, a proporção de manter as coisas como eram antes foi imediatamente rompida. Os mais fortes realizavam a maior parte das obras, o mais engenhoso facilitou seu trabalho por sua engenhosidade, enquanto um ganhava muito, o outro trabalhava muito para ganhar pouco. É

assim que a desigualdade natural se transformou insensivelmente pela desigualdade da nova sociedade.

Chegando a esse ponto, não podemos imaginar nada mais do que o peso das consequências para o homem e a natureza. As invenções sucessivas das artes, a desigualdade das fortunas, o uso e os abusos das riquezas confirmam e facilitam ainda mais a saída do homem do estado primitivo e da ordem das coisas. As qualidades naturais do homem foram postas em ação, foi prejudicada o espírito, a beleza, a força e a habilidade dos homens nesse novo processo de transição. O ser e o parecer do homem tornaram-se duas coisas completamente diferentes. Dessa distinção, provieram o instinto enganador e todos os vícios. Por outro lado, o homem perdeu sua faculdade de ser livre e independente que era antes. Para Rousseau, o homem se torna ambicioso para aumentar suas fortunas mais por ficar acima do outro do que pela necessidade, e começaram a se prejudicar mutuamente. Concorrências e rivalidades de um lado, oposição de interesses do outro, e o desejo de tirar proveito à custa de outrem. Rousseau, (2005, p.218) afirma; por tanto, todos esses males constituem o primeiro efeito da propriedade e o cortejo inseparável da desigualdade nascente.

4 O FORTALECIMENTO DA DESIGUALDADE MARCADO PELO APARECIMENTO DA PROPRIEDADE PRIVADA E DA AGRICULTURA

Antes que o homem tivesse inventado a riqueza, Rousseau, (2005, p. 218), afirma que só podiam consistir em terras e em rebanhos, os únicos bens reais que os homens podiam possuir. Pelo desejo de satisfazer suas necessidades, o homem começou a manifestar e estabelecer dominação e servidão entre eles. Os homens começaram a estender e aumentar suas heranças em número. Seu desejo de tocar ou ocupar os bens do outro começou a se sentir. O único desejo do ser humano era de mudar tudo ao seu redor. Conforme a ordem das coisas, uns começaram a depender-se do outro, a receber ou usurpar suas substâncias dos ricos, apareceu o sentimento de dominação e de servidão que deram nascimento às violências. Os ricos começaram a demonstrar o gosto pelo prazer, seu desejo pela dominação começou a aumentar, exigindo dos seus escravos a submissão de outros, querendo escravizar seus vizinhos. Esta situação faz com que Rousseau (2005, p. 219), compara o ser humano como: esses lobos famintos que, tendo provado uma vez carne humana, rejeitam qualquer outro alimento e só querem devorar homens. Foi assim, pela força de seus bens, que os ricos conseguiram dominar os pobres. Foi pelas necessidades dos bens alheios que os pobres se tornaram uma espécie de dominação. A igualdade natural foi rompida e uma situação de desordem foi implementada. A usurpação dos ricos se tornou mais frequente, as pilhagens dos pobres eram a única maneira de conter o desejo dos ricos de enriquecer-se.

O prazer e o gosto pela dominação faz com que o homem se torne um ser insensível e agressivo. A nova sociedade está confrontada com várias dificuldades. Está num terrível estado de guerra. O gênero humano começou a ser desolado e infeliz, se colocou numa constante luta e às ruínas. O homem se encontra numa situação miserável que precisa ser repensada. Não era vantajoso que os ricos se encontrassem numa guerra perpétua que colocava em risco suas vidas, assim como seus bens particulares. Num estado que acumula riquezas de qualquer maneira, correm o risco de perder seus bens a qualquer momento. Para argumentar, o filósofo afirma:

Mesmo aqueles enriquecidos apenas pelo próprio engenho não tinham títulos muito melhores para fundamentar sua propriedade. Por mais que dissessem: fui eu que constituí este muro; ganhei este terreno com meu trabalho, outros poderiam retorquir-lhes.” (ROUSSEAU, 2005, p. 220)

Desprovido de razões válidas para justificar-se, de forças suficientes para se defender, o homem se encontra numa situação de guerra permanente para proteger e manter sua hegemonia dos bens e dos territórios. Com os novos objetivos fixados pelo ser humano, isso faz com que esteja se expondo numa situação de violência que o armava todos uns contra o outro, numa posição onde ninguém encontrava segurança nem na riqueza, diz o filósofo. Para proteger os interesses dos ricos, enganar os fracos e conter suas ambições, regulamentos de justiça foram instituídos. Mas não era nada mais do que uma maneira de adequar todas as fortunas aos ricos. Sem razões válidas para justificar-se dos seus abusos, os ricos se sentem ameaçados. Sozinhos contra todos, não podem contar com o apoio dos seus iguais. Se encontram numa posição onde eles estão sozinhos contra todos. Inimigos comuns são unidos para poder aproveitar das suas riquezas. Apertado pela necessidade, os ricos acabam de conceber um projeto para proteger-se contra o impulso dos pobres. Enfraquecido pela falta de capacidades, manifestado pelo desejo, os pobres acabam sendo utilizados pelos ricos como defensores para proteger-se das opressões.

Depois que os ricos criam esse clima, impor aos homens essa que os colocam numa luta comuns todos uns contra outros, ninguém encontrava segurança nas suas posses e suas riquezas, nem nas necessidades e na pobreza. Os ricos estão pensando a cada momento sobre alternativas que podem protegê-los contra o furor da situação que eles mesmos provocam. Para isso, inventam uma fórmula para conduzi-los ao seu objetivo. De acordo com Rousseau, (2005, p. 221), os ricos afirmam: “Unamos-nos”, disse-lhes, ”para poder resguardar os fracos da opressão, conter os ambiciosos e assegurar a cada qual a posse do que lhe pertence’. Para eles, só regulamentos de justiça e de paz podem ajudar a conter suas ambições. Segundo os ricos, ao estabelecer esses regulamentos aos quais todos sejam obrigados a respeitar, que não abrirem mãos e fazer exceções a ninguém, que podem proteger suas fortunas e manter os pobres nas suas posições, de certo modo, submeter todos eles, ricos e pobres a deveres, obrigações mútuos e comuns. Pensando assim, os poderosos acham encontrar uma solução para proteger-se das opressões. De acordo com Rousseau, (2005, p. 221), os ricos afirmam: “Em suma, em vez de

voltarmos nossas forças contra nós mesmos, reunamo-las em um poder supremo que nos governe segundo leis sábias, que proteja e defenda todos os membros da associação, rechace os inimigos comuns e nos mantenha numa concórdia eterna”. Eis aqui, o pacto proposto pelos ricos para poder manter a ordem e estender a sua hegemonia.

Depois desse discurso, não era difícil encontrar um compromisso entre os ricos e os pobres. Como eles tinham muitas necessidades para resolver, foi preciso muito menos do que esse discurso para seduzi-los. Suas ambições eram muito grandes e a possibilidade de eles resolverem sozinhos eram poucas, não era fácil permanecerem sem senhores para governá-los. Satisfeito com os poucos benefícios que os ricos lhes concederam, eles acreditam assegurar a liberdade. Para argumentar, Rousseau afirma:

Pois, com razão suficiente para perceber as vantagens de um estabelecimento político, não tinham experiência suficiente para prever-lhe os perigos; os mais capazes de pressentir os abusos eram precisamente os que contavam aproveitar-se deles, e mesmo os sábios viram que era preciso decidir-se a sacrificar uma parte de sua liberdade para a conservação de outra, como um ferido manda cortar o braço para salvar o resto do corpo. (ROUSSEAU, 2005, p. 222)

Essas características foram em grande parte o que deram origem à nova sociedade e às leis, que criaram obstáculos entre o fraco e o rico, que destruíram a liberdade natural, estabeleceram a lei da propriedade e da desigualdade. Destruíram em definitivo a liberdade natural, definiram para sempre a lei da propriedade, consolidaram a desigualdade, criaram a miséria e a servidão para o gênero humano. Transformando assim os direitos civis regendo as regras comuns entre os cidadãos, a lei natural só foi seguida entre as diferentes sociedades em que o direito das pessoas foi regulamentado por alguns acordos que tornaram possível a coabitação entre os homens. Foi assim que multiplicaram as sociedades ampliando-se com rapidez no universo e em todas as regiões. Na divisão do gênero humano, ocorreram diversas lutas. Depois do estabelecimento do corpo político, apareceram novos inconvenientes e logo se sentiu a necessidade de quebrar as novas regras que os forçaram a estabelecer. O novo estado se torna ainda mais funesto para os corpos que o construíram. Rousseau, (2005, p. 223), afirma:

“Daí, provieram as guerras nacionais; as batalhas, os assassínios, as represálias que fazem estremecer a natureza e chocam a razão, e todos esses horríveis preconceitos que consideraram uma virtude a honra de derramar o sangue humano”. As guerras nacionais, as batalhas, os homicídios que fazem agitar a natureza e discordar da razão, os diversos preconceitos que comprometem a convivência e fazem derramar o sangue humano. Tais são as primeiras consequências, os primeiros impactos entreveram em diferentes sociedades na divisão do homem natural.

O filósofo descreve claramente as consequências da desigualdade, assim como o estabelecimento do pacto social estabelecido pelo novo governo. Apesar das várias conotações atribuídas à nova sociedade política, para Rousseau não se pode considerar a conquista do direito como uma conquista porque não tem nenhum fundamento legal. Não é regulamentado pela lei. O povo conquistado e seus conquistadores permanecem em constante estado de guerra entre si. O fundamento dessa sociedade é baseado na violência, por conseguinte é nula. Nem pode haver nessa circunstância, nem verdadeira sociedade, nem o corpo político. resultam como consequências, lei da dominação dos mais fortes sobre os mais fracos. O pacto criado para estabelecer o clima de paz e de convivência foi ocasional. Sendo o único meio que os ricos tinham para estabelecer a paz, foram obrigados a conceder aos seus iguais uma parte de seus bens, sendo a qualquer momento sujeito a discórdia e brigas. Os pobres que não tinham nada a perder, senão as suas liberdades, seria um erro terrível de parte perderem voluntariamente o único bem que possui. Os ricos que eram muito vulneráveis ao desejo de conservar e proteger seus bens, não tinham outra alternativa do que conceder algumas partes como forma de divisão de riquezas para não conseguirem lesá-los. Para Rousseau, (2005, p. 224), era mais razoável crer ter sido uma coisa inventada por aqueles a quem é útil do que por aqueles a quem prejudicada.

Para o novo governo criado pelo pacto dos ricos e dos pobres, não tinha uma estrutura real e definida, nem forma constante. Pelo fato de que eles não tinham grandes experiências na administração pública, dava para perceber todos os inconvenientes nas suas atuações. Apesar de ser formado pelos mais grandes sábios e legisladores da época, o novo estado político permanece sempre incompleto, pois era obra da imprevisibilidade. Desaprovado pelo tempo, os defeitos da nova constituição estão aparecendo cada dia mais e nunca conseguiram reparar as imperfeições.

A base dessa nova sociedade não tinha fundamento. Para esclarecer os detalhes, Rousseau afirma:

A sociedade, a princípio, consistia apenas em algumas convenções gerais que todos os particulares se comprometeram a observar e das quais a comunidade se tornava fiadora perante cada um deles. Foi preciso que a experiência mostrasse quão fácil era aos infratores evitar a acusação ou o castigo das faltas, das quais somente o público devia ser testemunha e juiz; foi preciso que os inconvenientes e as desordens se multiplicassem continuamente para que afinal se pensasse em confiar a particulares a perigosa custódia da autoridade pública e se delegasse a magistrados o cuidado de impor o cumprimento das deliberações do povo. (ROUSSEAU, 2005, p. 225).

Ao examinar os fatos, não encontramos nada mais do que a consolidação das consequências do estabelecimento da desigualdade que confirmam a fraqueza na constituição do estado e das leis que o regulamentam. Seria muito difícil justificar a validade do contrato que favorece só uma das partes, colocasse tudo num lado e nada no outro, afirma o filósofo. O sistema estabelecido não refletia os objetivos fixados e estava bem longe da realidade do resultado dos sábios e das monarcas que regulamentam a convivência na sociedade. Considerando que a liberdade é uma das faculdades mais valiosas do ser humano, seria muito difícil que renunciasse sem reservas ao seu dom mais precioso. Rousseau, (2005, p. 230), afirma: “com que direito aqueles que não receiam submeter-se a si mesmo até esse ponto puderam submeter sua posteridade a mesma ignomínia e renunciar em seu nome a bens que ela não deve à sua liberdade e sem os quais a própria vida é onerosa a todos os que são dignos dela”.

Considerando que, da mesma maneira que transmitimos as nossas pertences a alguém mediante convenções, podemos nos fazer desposar da nossa liberdade em benefício de algo, de uma oportunidade ou de alguém. O que Rousseau considera como uma péssima ideia porque ao alienar-se a alguém, se torna totalmente sua propriedade. Quando o direito da propriedade se torna convenção e instituição humana, qualquer indivíduo pode abusar do seu poder ao seu pertence. A natureza dá a cada um a oportunidade de aproveitar-se da vida e da liberdade, cujo agrado é permitido a todos, o que faz com que não seja permitido despojar-se delas. O que podemos considerar como uma ofensa à natureza e a razão pelo preço que for renunciar a elas.

Segundo Rousseau, a liberdade é um dom da natureza, portanto não temos o menor direito de nos desfazermos delas. O filósofo considera o estabelecimento do corpo político como um contrato entre os chefes e o povo. Assim estabelecido, as duas partes se encontram na obrigação de observar as leis nele encontradas. Reunidos sob o efeito das leis que tornam obrigatório as relações sociais, os particulares e o povo devem fazer com que a execução das leis se tornem obrigatórias.

O surgimento da desigualdade seguiu várias etapas e nessas diferentes etapas, podemos verificar que o estabelecimento da lei e da propriedade fazem parte dessa primeira etapa. Na instituição da magistratura, o poder legítimo foi alterado e substituído pelo poder arbitrário. A diferença entre o rico e o pobre foi estabelecida, o estado do poderoso e do fraco deu lugar a uma nova forma de predominância, as categorias como a do senhor e dos escravos marcam o último grau da desigualdade. Esses motivos foram estabelecidos pelo corpo político, e para entender o motivo e a necessidade do seu estabelecimento, basta lembrar que não foi para melhorar as relações entre os humanos, mas para tornar inevitável o abuso. A divisão política leva à submissão civil, a desigualdade começa a se fazer sentir entre os chefes e o povo. Para Rousseau, a desigualdade se faz estender sem muita dificuldade entre as mentes ambiciosas que desejam sempre correr o risco da fortuna conforme lhes seja favorável ou contrária à fortuna.

Para tentar explicar melhor o fenômeno da desigualdade, Rousseau parte de que o governo é a maior força de distribuição. Essa força deriva das relações entre o povo e os particulares. Reunidos numa mesma sociedade, eles são forçados a estabelecer diferenças uns contra os outros. Segundo o filósofo, a riqueza, a posição e o poder são as principais posições pelas quais o homem se reprime na sociedade. Considerando que existem vários tipos de desigualdade, para Rousseau, a acumulação de riqueza é o principal motivo pelas brigas entre os humanos. Rousseau, (2005, p. 237), afirma: “Embora as qualidades pessoais sejam a origem de todas as brigas entre os homens, a riqueza é a última a que elas se reduzem no final, porque sendo a mais imediatamente útil, ao bem-estar e a mais fácil de transmitir, é fácil servir-se dela para comprar todo o resto”. Assim, em todo o universo, os povos estão se distanciando da sua vida natural, sua instituição primitiva e tomara o caminho sem volta que leva à corrupção, fazendo com que o homem manifeste seu desejo pela reputação, honra e preferências. Tornando

todos os homens inimigos e rivais, manifestando uma gana de distinguir-se das outras categorias, buscando identificar o que há de melhor ou de pior no ser humano.

Existe no homem um desejo, e esse desejo é motivado pela reputação, honras e preferências. Esse desejo exercita e multiplica as paixões envolvendo todos os homens numa concorrência causando rivais e inimigos. Essa manifestação pela competição faz com que o homem busque distinguir-se dos outros e perde a essência da convivência. No objetivo de manter a maioria numa posição miserável e permanecer no topo da grandeza e da fortuna, os ricos e os poderosos trabalham sempre para manter um clima de opressão, de medo e de insegurança.

Dessa condição de extrema desigualdade, das fortunas, diversidade de paixão e de talentos, saíram outras formas de preconceitos contrário à razão, à felicidade e à virtude. Os mais fortes fazem com que o povo fique desunido, enfraquecido, dando um ar de discórdia, semeando um germe de divisão, um ódio mútuo mediante a oposição dos direitos e dos interesses e buscando sempre o fortalecimento dos seus poderes. Para argumentar, o filósofo afirma:

É do seio dessa desordem e dessas revoluções que o despotismo, erguendo paulatinamente sua horrorosa cabeça e devorando tudo o que tivesse percebido de bom e de sadio em todas as partes do Estado, conseguiria por fim pisar com os pés as leis e o povo estabelece sobre as ruínas da república. (ROUSSEAU, 2005. P. 239).

Essa desordem é considerada por Rousseau como o último termo da desigualdade. Nela, tudo se resume apenas à lei dos mais fortes, o surgimento do novo estado de natureza que é muito diferente daquele estabelecido pela lei natural, baseado na exploração, no excesso e na corrupção. O novo estado criado é constantemente ameaçado pela rebelião, fragilizado pela força que o mantinha e é sujeito a derrubada pela mesma força. Descobrimos e acompanhando os motivos e as consequências que acompanham a saída do homem do estado natural para o estado social, podemos entender as grandes diferenças que existem entre os dois. Segundo o filósofo, o estado de natureza era o estado em que o homem era feliz, sem problemas e dificuldades para resolver. Logo depois que ele saiu da sua natureza primitiva, começou a perceber que existe uma

sucessão de coisas que precisarão de uma infinidade de soluções. Nesse novo estado, a alma e as paixões humanas voltaram a ser insensíveis e por assim dizer, mudou de natureza porque de acordo com as novas exigências da nova sociedade, os prazeres e as necessidades do homem mudaram de objetivos. Rousseau, (2005, p. 241), afirma; a sociedade já não oferece aos olhos do sábio senão uma reunião de homens artificiais e de paixões fictícias que são obra de todas essas novas relações e não tem nenhum fundamento real na natureza. Todas as reflexões que fez filósofo é confirmado, porém, nas observações dos fatos.

Neste trabalho de análise e de raciocínio, Rousseau percebe pela observação que o homem primitivo era muito diferente do homem civilizado. O que faz a felicidade de um reduzia o outro ao desespero. O homem selvagem tinha como paixão só a liberdade e o repouso, enquanto o homem social buscava maximizar seus interesses. De fato, existia uma grande diferença entre o homem selvagem e o homem civilizado. O selvagem vivia segundo a lei e a ordem natural das coisas, por tanto, o homem sociável vive fora de si, buscando competir com os outros, viver nas suas influências e suas opiniões, e da sua própria existência. Da nova sociedade, nascem tantas indiferenças que decidem do bem e do mal do ser humano.

Os discursos do homem se tornam enganadores, honra sem virtude, suas aparências viram falsas e factícias. Para Rousseau, o homem passou a ter um exterior enganador, honra sem virtude, razão sem sabedoria, prazer sem felicidade. Analisando tudo isso, é provado que essas características não representam o estado natural do homem. São características e espírito da nova sociedade, a desigualdade que mudam todas as inclinações naturais. Para tentar achar uma saída nesse caminho gerado pela saída do homem do estado natural, Rousseau afirma:

Empenhei-me em expor a origem e o progresso da desigualdade, o estabelecimento e o abuso das sociedades políticas, na medida em que essas coisas podem ser deduzidas da natureza do homem pelas simples luzes da razão e independentemente dos dogmas sagrados que conferem à autoridade soberana a sanção do direito divino. (ROUSSEAU, 2005, p. 243).

Por tanto, o filósofo concluiu que a desigualdade não tem sua origem no estado de natureza. Ela extraiu sua fundamentação, seu desenvolvimento e seu crescimento do talento que tem o homem para desenvolver novas ideias de progresso, fortalecido pelo estabelecimento da propriedade e das leis. De acordo com o filósofo, a desigualdade não é autorizada pela lei natural porque é contrário aos fundamentos que determinam a convivência entre os homens. A nova sociedade estabelecida pela nova força política não coexiste na mesma proporção entre as diferentes categorias de seres humanos. De acordo com a maneira em que o homem define as regras da nova sociedade, é claramente contrária à ordem, às leis e à natureza do ser human

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, foi feita uma pesquisa sobre o *discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, pergunta feita pela academia de Dijon, na qual Rousseau desenvolveu sua ideia de filosofia política.

Para abordar, Rousseau parte desde a origem do ser humano, fazendo sua antropologia, identificando os percursos feitos pelo homem na natureza. E ele concluiu que o estado de natureza era o mais adequado pela permanência do ser humano que, antes, vivia de maneira aleatória e independente. Seu objetivo era determinar o que faz parte da natureza do que faz parte da cultura do homem. De fato, não existia nenhum tipo de maldade no homem selvagem porque ele era animado pelo amor por si e pela piedade. Rousseau considera essas características como um ato de auto conservação.

Rousseau descreveu com muita delicadeza seu *Discurso sobre a desigualdade* para chegar a demonstrar os fundamentos reais da desigualdade, e ele construiu progressivamente para demonstrar que, de uma parte, o homem é livre por natureza, de outra parte, nenhum ser humano pode ter o poder legítimo sobre o outro. Ele fez da origem do ser humano o esqueleto de seu pensamento político e ver que a primeira fonte da desigualdade é o mal feito pelo ser humano ao seu semelhante.

O homem da natureza tinha algumas características bem específicas. De acordo com as descrições feitas pelo filósofo do homem da natureza, ele vivia sempre na natureza e era livre. O amor de si e da piedade eram suas características especiais. A maioria dos nossos males poderiam ser evitados se tivéssemos conservado a maneira de viver simples, uniforme e solitário como era prescrita pela lei da natureza. Rousseau só queria entender o porquê da saída do homem no seu estado primitivo. O fato de que o homem tinha encontrado na natureza tudo que ele precisava para sobreviver fez com que ele não precisasse sair dela. Toda a trajetória do homem desde seu nascimento e sua convivência na natureza demonstra que ele é bom e perfeito.

Existe no ser humano algumas características como a liberdade e a perfectibilidade que definem em grande parte seu estado natural. Essas características proporcionam ao homem a

liberdade de fazer tudo que ele deseja, fazendo com que não dependesse de ninguém. Devido às circunstâncias, o homem da natureza desenvolve todas as capacidades para se adaptar a qualquer situação. Mas com o passar do tempo, perdeu tudo que ele havia adquirido pela perfeição. Os fatos descritos por Rousseau são muito determinantes e demonstram o percurso da história do ser humano na natureza. Basta considerar e relacionar os diferentes acontecimentos que poderiam aprimorar a razão humana, tornando mau o homem ao querer se socializar, trazendo o mundo ao ponto em que se encontra.

Marcado pelo surgimento das sociedades, Rousseau analisa as duas partes do seu discurso para justificar melhor os motivos pelos quais o homem saísse da natureza. As duas partes do discurso descrevem cada uma um tipo de homem diferente: o homem natural criado para viver na natureza e o homem civilizado sob a direção de um estado político. Ele mostra claramente que a desigualdade não é natural, mas depende da cultura e da socialização humana. Quando a moralidade começou a se introduzir nas ações humanas, a benevolência favorável ao estado de natureza não era mais o que correspondia ao legítimo e à nova sociedade. Concorrências e rivalidade num lado, oposição de interesses no outro, e o desejo de tirar proveito à custa de outrem, eram os resultados da saída do homem no que Rousseau considerava como um paraíso.

Ao inventar a riqueza, o homem começou a estabelecer a dominação e a servidão entre eles. Começaram a aumentar e estender suas heranças em número. O prazer e o gosto pela dominação faz com que ele se torne um ser insensível e agressivo. Desprovido de razões válidas para justificar-se, de forças suficientes para defender-se, o homem se encontra numa situação de guerra permanente para manter a hegemonia dos bens e dos territórios.

Devido a tudo que aconteceu no percurso que seguiu o homem para sair do seu estado primitivo, Rousseau concluiu que a desigualdade não tem seu fundamento e sua origem no estado de natureza. Extraiu sua origem e seu desenvolvimento do talento que tem o homem para desenvolver novas ideias de progresso, fortalecido pelo estabelecimento da propriedade e das leis. A desigualdade para Rousseau não é autorizada pela lei natural porque é contrário aos fundamentos que determinam a convivência entre os homens

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Paulo Sergio. **A antropologia de Rousseau: Da ingenuidade natural à corrupção, 2008.** Aufklarung: revista de filosofia 6 (1), 133-142,2019, Ceará

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os homens.** Martins Fontes, 3a edição. São Paulo, 2005.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discours sur l'Origine et le Fondement de l'Égalité parmi les hommes.** in Collection complète des œuvres, Genève, 1780-1789, vol. 1, in-4. édition en ligne www.rousseauonline.ch

version du 7 Octobre 2012

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Du contrat social ou principe du droit politique.** Foederis aequas. Dicamus Leges. Aeneid. A Leipsic, chez Gerard Fleischer, 1996.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do contato social ou princípio do direito político.** Abril S.A. Cultural. São Paulo. Tradução publicada sob licença da Editora Globo. Porto Alegre, 1973.

STAROBINSKI, Jean. **Jean Jacques Rousseau: a transparencia e o obstáculo.** 1a edição companhia de Bolso {2011}, São Paulo.